

ENSAIO SOBRE O GLOBO DE NEVE: PERCEPÇÕES ESPACIAIS CONTEMPORÂNEAS NO PROCESSO CRIATIVO

*EXPERIMENT ABOUT THE SNOW GLOBE: CONTEMPORARY SPACE
PERCEPTIONS IN THE CREATIVE PROCESS*

Joedy Luciana Barros Marins Bamonte

UNESP/FAAC

Resumo: Abordagem da criação artística a partir de relações espaciais contemporâneas, tendo como aporte teórico a deriva enquanto método psicogeográfico por favorecer o despertar do sensível, e a Topofilia de Yi-Fu Tuan, por priorizar a percepção de espaços geográficos na configuração do lugar. A estrutura do trabalho enfatiza o ato criador no interior de um sketchbook, onde verbal e não-verbal coexistem priorizando o nascimento de ideias. A metáfora do globo de neve traduz a sensação de suspensão na cidade de Lisboa, elemento disparador para desenhos, no qual a experiência trabalha com a imaginação.

Palavras-Chave: processo de criação; desenho; Topofilia; deriva; arte contemporânea.

Abstract: *Approach of the artistic creation of the contemporary spatial relations, having the theoretical contribution of the psychogeographic method, favoring the awakening of the senses, and the Topophilia of Yi-Fu Tuan, for prioritizing the perception of geographic spaces in the configuration of place. The structure of the work emphasizes the creator's act in the sketchbook, where verbal and non-verbal coexist in the birth of ideas. The snow globe metaphor interpreted the feeling of suspension in the Lisbon city, a triggering element for drawings in which the experience works with the imagination.*

Keywords: *creation process; drawing; Topophilia; drift; contemporary art.*

O espaço mítico: suspensão

Lisboa foi o destino da viagem. Espaço geográfico onde estive imersa por dez meses para pesquisa poética, março a dezembro de 2017. Tendo como aporte teórico Yi-Fu Tuan e a deriva como método psicogeográfico, o processo criativo teve início desde o deslocamento do Brasil até Portugal, manifestando-se no imaginário, onde pouso não seria uma garantia ou condição para os delineamentos da criação. Nas linhas que seguem, o ensejo maior é por compartilhar da gênese dessas manifestações, desígnios.

Nas folhas dos *sketchbooks*, inscrevem-se os primeiros lapsos de identificação com o que sinto, o que percebo. Nesse espaço de intimidade, idealizações se manifestam por trás das nuvens, onde o voo físico é mesclado com o da deriva, onde o mito se confunde com a realidade, onde me reconheço nas palavras Yi-Fu Tuan:

O primeiro tipo de espaço mítico é uma extensão conceitual dos espaços familiar e cotidiano dados pela experiência direta. Quando imaginamos o que fica do outro lado da cadeia montanhosa ou do oceano, nossa imaginação constrói geografias míticas que podem ter pouca ou nenhuma relação com a realidade. Os mundos de fantasia são construídos como essas são contadas muitas vezes e não precisam ser aqui repetidas. (TUAN, 2013, p.97)

Nas folhas do caderno, o espaço e o tempo são outros. A vida tem outro ritmo, outros mundos são manifestos, a fantasia flui. Como dissociar essas características do que ainda não conheço? As horas de voo que aceleram meu relógio já antecipam um universo imagético. A introspecção é aguçada pela imobilidade no assento do avião, pelos mapas de voo que regis-

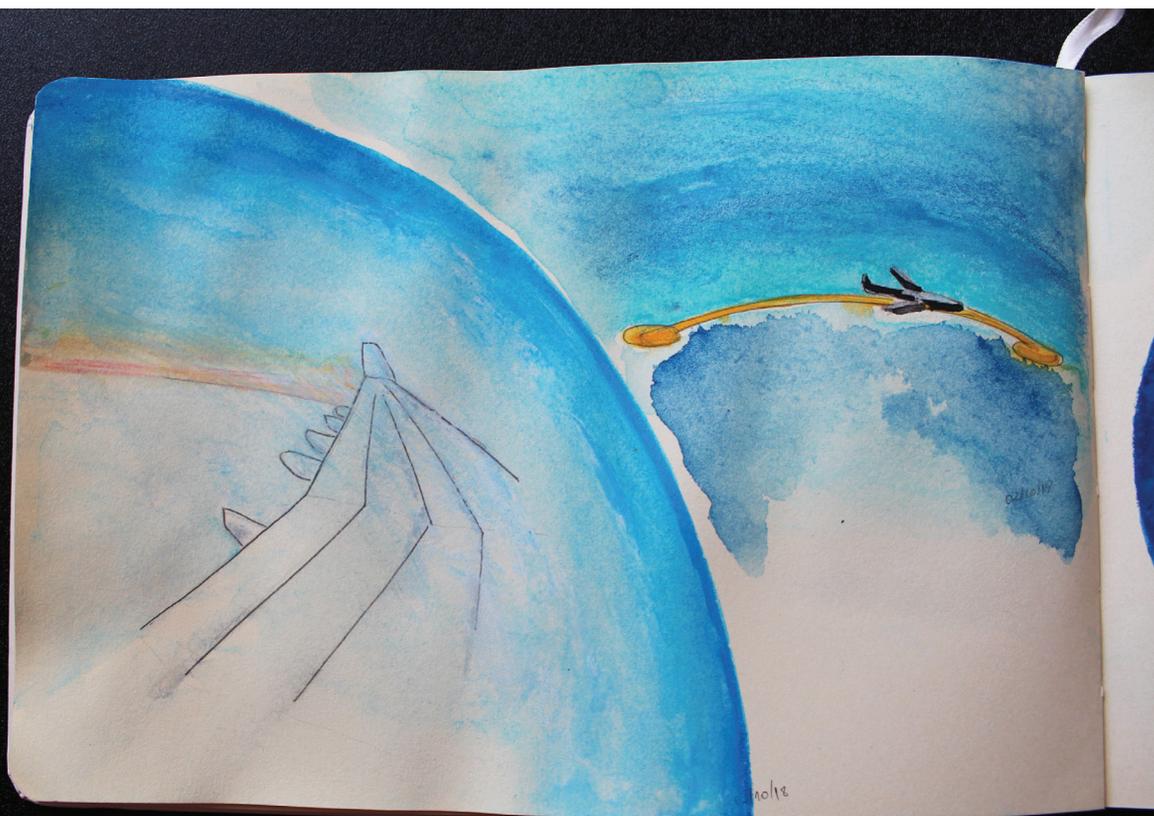


Figura 1. Estudos feitos em sketchbooks. (sem autor para avaliação cega). Lápis e giz pastel oleoso aquarelado sobre papel. 2017 (Acervo da artista)



Figura 2. Sem título.
(sem autor para avaliação cega). Fotografia digital. 2017

tram as coordenadas precisas a cada minuto. O devaneio é desperto e a experiência aciona as primeiras imagens. A viagem teve início, a ação de ir ao encontro do destino. A mente já está imersa.

A imensidão em nós

Em sua fase noturna, Gaston Bachelard tem a fala da imersão. Ele não se expressa como quem observa resultados, mas sim processos, experiências. Na imensidão do filósofo francês, encontro o espaço da intimidade e da deriva e localizo minha fala no alinhamento com o sensível e a profundidade imaginante desperta pela imensidão.

A imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna na solidão. Quando estamos imóveis, estamos algures; sonhamos num mundo imenso. A imensidão é o movimento do homem imóvel. A imensidão é uma das características dinâmicas do devaneio tranquilo. (BACHELARD, 2008, p. 190).

Ao dissertar sobre o devaneio, Bachelard localiza-se no contexto poético, em elucubrações características da solitude e quietude da introspecção do artista. O devaneador está dentro, nos recônditos por onde o cérebro transita, começando pelo que os sentidos experimentam e no que a percepção transforma. Ao abordar a imensidão, suas palavras são identificadas como narrativa de algo ainda em formação, contadas do interior de anotações recém-nascidas, que se atêm à sutileza e aos sinais dos pequenos começos. Ao utilizar a imagem abaixo como base para a estrutura do presente artigo, intento ler nela uma síntese da visão que apresento nas linhas aqui escritas. Na foto, registrada de dentro da residência em Lisboa, reconheço a projeção da vastidão íntima que emerge no processo desencadeado, onde a imaginação floresce a partir da proposta de imersão em um dado espaço geográfico, onde a gravidade parece ser alterada.

O céu

Nas alterações perceptivas, a gravidade não é a única a ser afetada. Os sentidos, ao trabalharem, evocam novas formulações de dados, combinações que passam a priorizar o lugar sonhado, a imaginação, a intimidade, recodificando espaços geográficos, cartografias, a própria experiência do ambiente.

A configuração desses espaços em meu histórico transita entre os estudos de mapas, localização nesses registros cartográficos, exploração de imagens virtuais e, por fim, a chegada a uma nova localidade. Espacialmente, essas ações contemplam a suspensão, a aterrissagem, a imersão e, por fim, pisar o chão. Na proximidade com Bachelard, o ar está presente como elemento de enlevo, como principal característica de todo um período dedicado à intimidade criadora.

Na experiência do deslocamento e no “adentrar” o novo local, as mudanças de propor-

ção são constantes, em escalas que reduzem quilômetros a milímetros, ao desenho de um mapa sócio-político, a coordenadas do globo terrestre. O uso de aplicativos para me localizar também aguça as mudanças de escala e a sensação de se olhar do céu. Em apenas um toque aproximo ou distancio-me do ponto procurado na cidade, observando de longe o mapa da cidade e, quase instantaneamente percebendo que posso estar na rua ou estabelecimento procurado. Nesse aspecto, os ícones do Google Maps se tornam “companheiros” de viagem, os quais trago para o espaço físico em desenhos e, posteriormente para uma exposição no Museu da Faculdade de Belas-Artes no Porto, com as três primeiras obras da série (título e dados da exposição retirados para avaliação cega).

No novo ambiente percebo o quanto o azul é predominante, seja nos mapas físicos, virtuais, de voo, no oceano, no horizonte da janela do avião, na aterrissagem, no céu de Lisboa, no



Figura 3. Estudos feitos em sketchbooks. (sem autor para avaliação cega). Lápis de cor sobre papel vegetal. 2017



Figura 4. Estudos feitos em sketchbooks. (sem autor para avaliação cega). Giz pastel oleoso sobre papel. 2017

Tejo. O ar é predominante. Ele transporta, dissipa, sustenta, mas principalmente, é ele que suspen­de. O período de permanência em Lisboa chama-me constantemente ao céu. De onde vim, de onde veem minhas referências. O tempo de permanência atraindo-me ao todo, à grande proporção do trajeto. Não há como pensar somente no local onde estou, minha compreensão me remete ao trajeto, ao contexto onde ocorrem todas essas transições, o objeto da pesquisa. Se o cenário da pesquisa é o todo, meus olhos estão fixos naquilo que sintetiza todo esse percurso: o céu.

A cidade “alongada”: lúdico

Como em uma paisagem pictórica romântica, o céu e o ar parecem compor a paisagem de meu imaginário em quase toda sua totalidade. Estou absorva nessa paisagem. Observo o quanto dista do espaço onde resido no Brasil, onde o entorno é horizontalizante e o alcance visual é amplo. Vivo próxima à área rural e meu habitat é plano. Apesar de já ter vivido em São Paulo, uma cidade muito mais verticalizada do que Lisboa,

a geografia da cidade portuguesa é composta por um solo irregular repleto de declives, o que me dá a impressão de uma cidade “alta”, de uma paisagem na qual a abóbada celestial também é alongada. O céu de Lisboa parece “ser mais alto” do que o de casa.

Nos primeiros dias na cidade, em meados de março, o inverno se encontra no final, com alguns dias de chuva e trovoadas. A cidade ladeada pelo rio parece ampliar os sons e, em minha imaginação, com os céus pronunciando-se mais altos, a sensação de distanciamento do cotidiano, de estar em um ambiente fictício é potencializada. As imagens, esboços, materiais e criações remetem a concepções leves e relacionadas ao universo infantil.

A sensação de suspensão é latente. A poética delineia-se à medida que a cidade me envolve, onde me sinto pequena, como se estivesse me observando de longe, do alto, das nuvens. E assim a configuração visual dessa vivência desenha um ambiente imagético que me remete ao interior de um globo de neve. O céu de Lisboa é abobadado como um globo de neve em meu imaginário, onde a paisagem está inserida e onde estou enlevada.

A carga de informações novas parece desacelerar o cérebro e acessar a sensação de arrebuo, da qual a poética está se servindo. A cidade se revela como uma ilustração, um mundo de sonhos em *pop up*, experimentado e contado pela primeira vez, não como história adocicada ou infantilizada, mas como um espaço sendo compreendido a partir das sensações. E assim foi, inclusive quando contos, materiais e técnicas foram reivindicados na delicadeza do processo criativo.

A criação é proferida nas relações entre o espaço físico real e o representado. Alterações de proporção, tamanho. O que antes era grande passa a ser pequeno e o que antes era distante, aproxima-se. Minha poética está onde ficção, ludicidade, realidade e contemplação se encontram, minhas ressignificações.

Considerações finais

Atualmente, o conteúdo apresentado neste artigo deu origem a trabalhos já finalizados ou em andamento. Estando vinculado à pesquisa de pós-doutoramento na Faculdade de Belas-Artes na Universidade de Lisboa, enfatiza a arte têxtil contemporânea e tem como supervisor o Prof. (dado retirado para avaliação cega), prevendo conexões entre meu grupo de pesquisa e o de meu supervisor. Ao olhar para os primeiros registros resultantes da imersão, evidencia-se quão enriquecedora pode ser a experiência de deriva em um local ainda desconhecido. Constitui um elemento sensibilizador para a poética artística, acessando respostas afetivas e estéticas ao novo ambiente por meio dos sentidos. A intenção do presente texto, de maneira despreziosa foi somente tentar trazer o leitor para “dentro” das páginas de um caderno de artista, compartilhando fagulhas do ato criador.

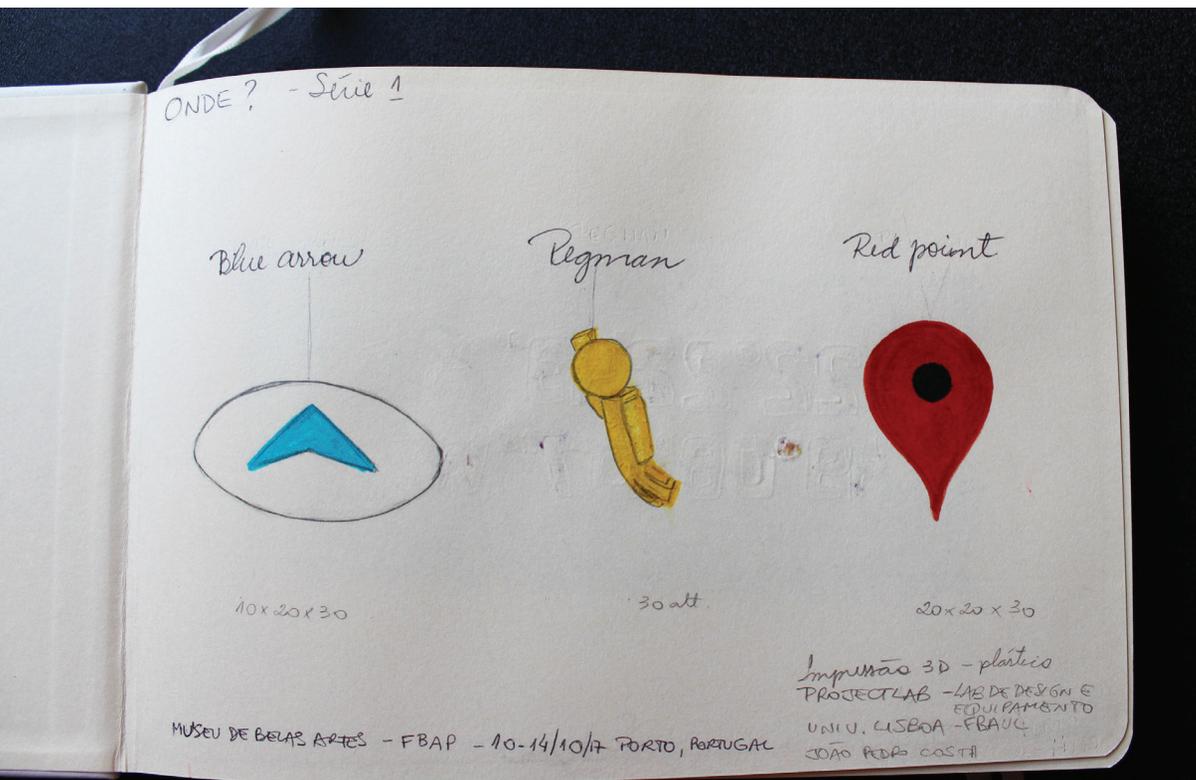
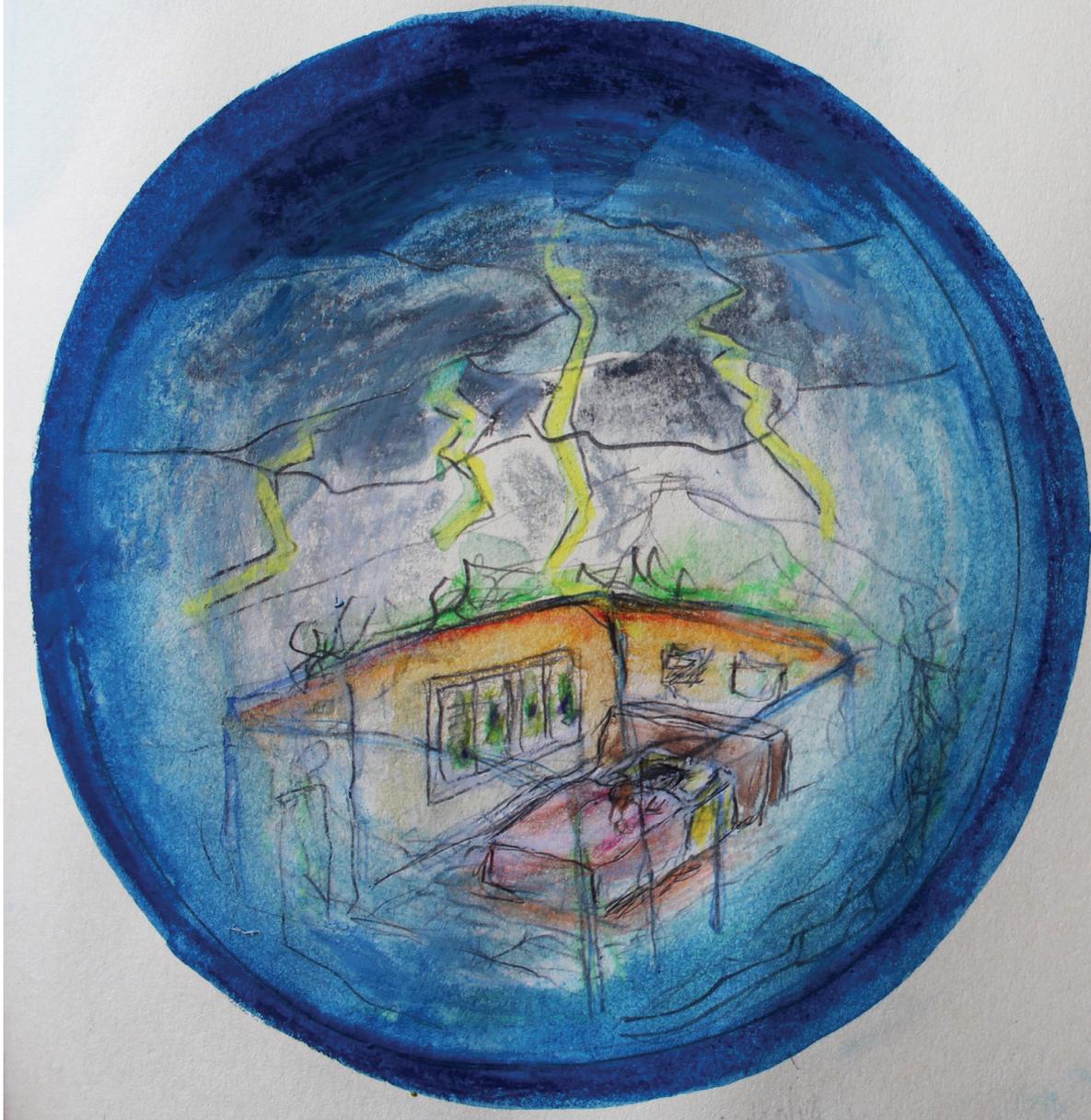


Figura 5. Estudos feitos em sketchbooks. Grafite e hidrográfica sobre papel. 2017 (Acervo da artista)

Figura 6. Estudos feitos em sketchbooks. (sem autor para avaliação cega). Lápis e giz pastel oleoso aquarelado sobre papel. 2017 (Acervo da artista)



Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

JACQUES, Paola B. (org.). **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: EDUEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: EDUEL, 2012.

VISCONTI, Jacopo C. **Novas derivas**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

Joedy Luciana Barros Marins Bamonte

Doutora em Ciências da Comunicação pela USP/ ECA - Escola de Comunicações e Artes, na área de Comunicação e Estética do Audiovisual (2004). Atua como artista plástica e é Professora Assistente na UNESP/ FAAC, junto ao Departamento de Artes e Representação Gráfica. Professora colaboradora no Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes-UNESP, Campus de São Paulo / Área Artes Visuais, Linha de Pesquisa de Processos e Procedimentos Artísticos. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado em Pintura, voltada para a arte têxtil contemporânea, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, iniciada em 2017.